



**O Trabalho das mulheres Pantaneiras e a Avaliação Ecológica do Milênio:
uma resignificação por meio da Educação Ambiental**

**The work of the moorland women and the Ecosystem Assessment Millennium: A
reinterpretation through Environmental Education**

Rosana Manfrinate¹

Michèle Sato²

Resumo

Este artigo tem como objetivo compreender como os trabalhos femininos entendidos pelo viés da Avaliação Ecológica do Milênio podem se tornar uma base educativa para a emancipação tanto econômica como política das mulheres pantaneiras de Mato Grosso. Utilizamos como método a pesquisa a História Oral apoiada fenomenológica com as narrativas das próprias mulheres sobre suas vidas como forma de se conhecer as diversas interações com a natureza e formas de vivências e experiências no território pantaneiro. Os resultados até o momento encontrados foram os seguintes: as mulheres pantaneiras tem a noção do pertencimento ao ambiente local. Essa noção de pertencimento (MOURÃO,2005) é a relação entre os seres humanos e a natureza que passa pelos diversos sentidos, construindo uma identidade do humano com o biológico, com posições humanísticas, referindo-se a ética e à sustentabilidade. No que se refere aos trabalhos das mulheres na comunidade, elas se utilizam da tradição ensinada por suas mães, como fazer doces caseiros, e artesanato de algodão, como redes e coxinhos para cavalos. Se utilizam das frutas que tem em seu quintal além de plantar o algodão para fiar.

Palavras-chave: Pantanal; Gênero; Trabalho; Educação ambiental.

Abstract

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso, UFMT. Email: rosmanfrinate@gmail.com

² Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso, UFMT. Email: michelesato@gmail.com

This article aims to understand how women's work understood by the bias of Ecosystem Assessment Millenium can become an educational basis for both economic and political emancipation of women Pantanal of Mato Grosso. Used as a method to search the Oral History supported phenomenological with the women's own narratives about their lives as a way to meet the various interactions with nature and forms of experiences and experiences in the Pantanal territory. The results so far found were: the Pantanal women have the notion of belonging to the local environment. This sense of belonging (MOURÃO, 2005) is the relationship between human beings and nature that goes through the different senses, building an identity of the human with biological, with humanistic positions, referring to ethics and sustainability. With regard to the work of women in the community, they are using the tradition taught by their mothers how to make homemade pastries, and cotton crafts such as networks and coxinilhos for horses. If use of the fruit you have in your yard in addition to plant cotton for spinning.

Keywords: Swamp; Gender; Work; Environmental education.

Este artigo tem como objetivo compreender como os trabalhos femininos entendidos pelo viés da Avaliação Ecosistêmica do Millenium - AEM, podem se tornar uma base educativa para a emancipação tanto econômica como política das mulheres pantaneiras de Mato Grosso.

A Avaliação Ecosistêmica do Milênio –AEM, foi elaborada durante o período entre 2001 e 2005 buscando avaliar as consequências das mudanças antrópicas nos ecossistemas sobre o bem-estar humano, estabelecendo com base na ciência a fundamentação necessária para as ações que assegurariam a conservação e o uso sustentável dos ecossistemas bem como suas contribuições para o bem-estar humano.

Esta avaliação foi inspirada no painel IPCC - Painel Intergovernamental sobre Mudança do Clima (Intergovernmental Panel on Climate Change) - IPCC, e não se propunha a gerar conhecimentos primários, mas sim sistematizar, avaliar, sintetizar, interpretar, integrar e divulgar as informações existentes de forma útil e apropriável por parte de gestores e sociedade (AEM,2005).

Suas questões giram em torno de conhecer quais seriam as condições atuais e quais mudanças podem ocorrer nos ecossistemas e de seus serviços e as consequências para o bem-estar humano. Sugerindo também o que poderia ser feito para se incrementar o bem-estar humano e a conservação dos ecossistemas, quais os pontos fortes e as debilidades das opções de respostas que podem ser consideradas para se atingirem ou evitarem futuros específicos, quais são as incertezas-chaves críticas para a efetiva tomada de decisão sobre os ecossistemas e que ferramentas e metodologias

desenvolvidas pela AEM podem fortalecer a capacidade de se avaliarem os ecossistemas, os serviços por eles fornecidos, e seus impactos sobre o bem-estar.

Entre seus resultados a AEM apontou que nos últimos 50 anos os seres humanos modificaram os ecossistemas mais rápido e extensivamente que em qualquer outro intervalo de tempo equivalente na história da humanidade. Isso acarretou uma perda substancial e, em grande medida, irreversível na diversidade da vida no planeta.

E embora as mudanças ocorridas nos ecossistemas contribuíssem com ganhos ao bem-estar e o desenvolvimento econômico, esse benefício foi apenas para uma parcela da sociedade e a um custo crescente, sendo uma das principais causas da degradação dos serviços dos ecossistemas, acarretando assim danos significativos ao patrimônio natural ou riqueza de um país.

Há evidência estabelecida, de que as mudanças em curso nos ecossistemas têm feito crescer a probabilidade de mudanças não lineares e potencialmente abruptas nos ecossistemas, com importantes consequências para o bem-estar humano acarretando assim um colapso da produção pesqueira, eutrofização e hipóxia, surgimento de doenças, introdução e perda de espécies, mudanças climáticas regionais e a exacerbação da Pobreza para Algumas Populações.

Afetando dessa maneira os Serviços Ambientais que são assim chamados sob o ponto de vista antropocêntrico, considerando que toda função ecossistêmica gera um determinado serviço, processos naturais subjacentes que desencadeiam uma série de benefícios direta ou indiretamente apropriáveis pelo ser humano (ANDRADE E ROMEIRO, 2009).

Em outras palavras, uma função passa a ser considerada um serviço ecossistêmico quando ela apresenta possibilidade/potencial de ser utilizada, podemos citar assim o serviço de provisão como alimentação, água, lenha, fibras, recursos genéticos. Serviço de regulação do clima, controle de doenças, controle de enchentes, desastres naturais, purificação da água, purificação do ar, controle de erosão.

Serviço de Suporte como a formação de solos, produção primária, ciclagem de nutrientes, Processos ecológicos; e os Serviços Culturais como a espiritualidade, inspiração, educação e o simbolismo (VICTOR, 2011).

Nesse sentido as comunidades tradicionais como ribeirinhos, quilombolas, indígenas que dependem diretamente destes serviços, e principalmente as mulheres presentes nesses grupos serão os maiores sofrendores dos problemas ambientais.

Muitos fatores além da própria degradação ambiental são responsáveis por essa situação, sendo eles: a alterações dos ecossistemas devido a privatização do que antes eram recursos comuns; falta de técnicas compatíveis com as mudanças, gestão pública que considere as necessidades dessas populações como estrutura básica sanitária e acesso à terra e escoamento da pequena produção, além de não existirem números conhecidos sobre a real importância dos serviços ecossistêmicos na vida das populações pobres.

Sob as mulheres recaem ainda o fator da desigualdade dos direitos entre homens e mulheres. Por serem as mulheres na maioria das vezes as responsáveis pelo serviço da casa, pela preparação dos alimentos, ser a cuidadora das crianças e idosos, elas também têm uma grande dificuldade de deixar suas regiões em caso de catástrofes.

Por sua vulnerabilidade maior e por ser a mulher que mais se relaciona com a natureza mantendo ainda as formas tradicionais de trabalho, torna-se importante compreender, primeiramente quem é essa mulher pantaneira e como suas formas de trabalho podem servir como resistência à destruição dos serviços ambientais e também como processo pedagógico entendido dentro dos princípios da Educação Ambiental que nos infere que:

a natureza nunca pode ser separada daquele que a percebe, ela nunca pode existir efetivamente em si, pois suas articulações são as mesmas de nossa existência, ela se estabelece no fim de um olhar ou término de uma exploração sensorial que a investe de humanidade(SATO, p.26, 2003).

Assim esse processo pedagógico é visto como um fazer que se alicerça tanto em saberes tradicionais como na relação com a natureza, considerando toda a sua temporalidade inferindo a sua essência na cultura, no território e história.

Bachelard nos apresenta tantas possibilidades de se pensar um novo mundo da pesquisa que é preciso fazer recortes apenas de alguns pontos, isso para que o texto tivesse um termino, mas sabemos que esse termino é apenas entremeio didáticos de cumprir uma tarefa, mas que não finda, sendo que suscita mais dúvidas. Conforme nos alerta o próprio filósofo:

Eis então tua mensagem de vida, oh pobre e vão sonhador? Teu destino de filósofo é o de encontrar tua clareza em tuas contradições íntimas? Estás condenado a definir teu ser pelas hesitações, pelas oscilações, pelas incertezas? Deves procurar teu guia e teu consolador dentre as sombras da noite? p.199

Outro ponto importante dessa pesquisa é explicitar quais são as formas de trabalho realizados pela mulher, pois como em outras partes do mundo, nem sempre a mulher tem seu trabalho reconhecido como uma força produtiva importante para a sobrevivência da família (MARQUES et all, 2006, LOURO, 2003).

As atividades cotidianas das mulheres eram e, ainda são vistas apenas como “coisas a serem feitas” e não como trabalho produtivo, como nos aponta Certeau (2011):

é preciso que “essas coisas” sejam feitas, portanto alguém tem que fazê-las, de preferência será uma mulher. (...) trabalhos que visivelmente nunca acabam, jamais suscetíveis de receber um arremate final: a manutenção dos bens do lar e a conservação da vida dos membros da família parecem extrapolar o campo de uma produtividade digna de ser levada em conta. Só quando faltam é que chamam a atenção, mas neste caso é ainda de reprovação que se trata. Como diz a canção dos quebequem, “Môman não trabalha, porque tem muito a fazer” (CERTEAU, 2011.p.217).

Atualmente a força de trabalho feminino se insere no mundo de uma forma global e eficaz. De acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, as mulheres hoje no Brasil correspondem a 48% da população economicamente ativa, (IBGE,2011). Entretanto devemos observar que esses números correspondem tanto aos empregos formais como os informais.

E esses números também se modificam entre as realidades urbanas e rurais. As mulheres que vivem nas áreas urbanas aparecem entre os maiores índices de escolaridade e de empregos formais.

Para as mulheres das áreas rurais, a realidade ainda é distante da autonomia econômica e do trabalho formal. Nesses locais as principais atividades exercidas pelas mulheres são o trabalho na agricultura familiar, e o cuidado com a família.

Quando almejam uma situação econômica melhor ou continuar os estudos, elas precisam migrar para as cidades. Isso também só é possível para as mais jovens solteiras, pois as mulheres casadas e com filhos tem a responsabilidade da casa e da família, tendo assim que buscar além da agricultura tradicional, alternativas financeiras, considerando as possibilidades reais existentes no espaço em que vivem.

E é nessa busca de alternativas e possibilidades de trabalho considerando o território, a cultura e a interação com a natureza que essas mulheres constroem “outra economia” (ADAMS, 2010), que difere da economia exploradora da mão de obra e que não é depredadora da natureza. Não fazemos essas considerações a partir de uma visão de mundo com um referencial ingênuo, mas sim nos aproximando do pensamento de

Adams (2010) que sugere que essas transposições não serão espontâneas, ao contrário, são construídas historicamente, e é uma tarefa coletiva na conquista e no reconhecimento de direitos e da cidadania.

Um estudo então importante da situação das mulheres nesse contexto é a sua atuação frente às oportunidades de trabalho e renda que a natureza do local em que elas vivem pode oferecer, e de que maneira isso pode também ser uma forma de conservação dos ecossistemas, assim possibilitando a sustentabilidade.

Essas mulheres partilham concepções com as comunidades às quais pertencem, nas quais os seres humanos e animais, em correlação com espíritos da floresta e o dito meio ambiente, não estão separados, nem separados da vida social, nem tampouco são reduzidos à condição de suporte, ou se prestam a ser matéria-prima para a vida humana, mas fazem parte desta (TORNQUIST, LISBOA e MONTESYMA, 2010. P.865).

A educação Ambiental nos acompanha nessa caminhada na medida em que é entendido que a construção de gênero e suas identidades estão ligadas ao território em que essas mulheres vivem, por sua ligação com a terra pela forma e como se relacionam com o seu próprio ambiente e no movimento de pertencimento ao lugar.

Aliada aos discursos ecológicos e, para além deles, a Educação Ambiental trabalha na tentativa de que os indivíduos voltem a se sentir pertencentes ao ambiente como sujeitos naturais e históricos levando-os à redescoberta das tradições, da sua cultura e dos saberes. Oportunizando a sensibilização para a conscientização ética que se faz necessária para a tomada de decisões e escolhas que impliquem em mudanças tanto na sociedade como no meio ambiente.

As trilhas apontam que, para caminhar por uma EA, deve-se priorizar o meio onde se vive, pois é nele que também está a ciência popular, a lógica de determinada comunidade, de determinado grupo social, é onde se podem encontrar saberes que são próprios, particulares à vivência de cada grupo social (QUADROS, 2013, p.88).

Potencializamos assim a educação ambiental em seu caráter político, não meramente comportamental ou intuitivo. Neste contexto, trazemos o diálogo socioambiental, aliando cultura e natureza no campo pedagógico capaz de fazer emergir a educação como mola propulsora das transformações socioambientais (SATO, 2013).

O pantanal como o território da pesquisa:

Para situarmos o território, o espaço das águas, primeiro iremos a explicação técnica: O Pantanal Mato-grossense é a maior área úmida tropical do planeta. E ocupa uma área de aproximadamente 160.000km² (Brasil, 1997), esta planície alagável está dividida entre os estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, que ao total consta sua parte brasileira de 85% da região, e entre as porções da Bolívia (10%) e Paraguai (5%).

As Áreas Úmidas (AU) são ecossistemas de alta importância para o ser humano pois exercem funções vitais para nossa sobrevivência tais como providenciar alimentos, estocar e regularizar o fluxo de água, abrigar uma biodiversidade alta e influenciar substancialmente o ciclo de carbono e outros gases do efeito estufa (JUNK, 2000).

Considerando toda a sua importância biológica para o planeta, e nos distanciando da explicação apenas técnica, e indo além, entendemos que o pantanal não é apenas uma reserva hidrológica, de abundância da biodiversidade vegetal e faunística. Mas que se conjugam nesse espaço cultura, histórias, memórias e vidas que se integram mundo biológico a força dos ciclos das águas, concordamos com Bachelard quando ele sugere que o poder que a água tem tanto físico como fenomenológico:

Uma gota de água poderosa basta para criar um mundo e para dissolver a noite. Para sonhar o poder, necessita-se apenas de uma gota imaginada em profundidade. A água assim dinamizada é um embrião; dá à vida um impulso inesgotável (BACHELARD, 2002,p.10).

Entretanto o pantanal da parte de Mato Grosso vive atualmente dentro do contexto de apropriação de territórios e produção agropecuária passou a ser um espaço de disputas entre empresas, fazendeiros e comunidade tradicional. Nessa disputa a parte que mais sofre é sem dúvida a comunidade local, que aos poucos é desalojada para dar espaço às formas capitalistas de produção (JABER e SATO,2011)

Historicamente habitada pelos indígenas, veio ser a cerca de 300 anos ocupada pelo colonizador europeu. Comunidades surgiram e forjaram suas vidas a terem sentido nesse espaço de períodos de água e seca, desenvolvendo assim seu saber próprio sobre o espaço e fazendo dali seu território, se transformando em pantaneiros,

E nessa imensidão do Pantanal, nosso lócus de pesquisa foi especificamente a comunidade de São Pedro de Joselândia distrito do município pantaneiro de Barão de Melgaço, que se caracteriza por estar no meio do Pantanal de Mato Grosso.

Essa comunidade vive ao sabor das estações de seca e cheia. Épocas que delimitam bem o espaço entre a comunicação e o isolamento com as outras regiões. O período que vai de novembro a março é o período das chuvas no pantanal, e

consequentemente do ressurgimento da vida na natureza, da beleza e também do isolamento total da comunidade. (QUADROS, 2013).

Os caminhos da pesquisa pantaneira.

Conhecer, interpretar, escutar narrativas de vidas, tradições, cultura, saberes nada disso se conjuga em uma coleta de dados fria e impessoal, então há de se propor outras formas de pesquisa nas comunidades, em especial nessa pesquisa com as mulheres. Por isso optou-se para que o enfoque investigativo desse estudo seja a abordagem qualitativa, que vem acompanhada pelas táticas metodológicas, da fenomenologia e da história oral. Como métodos foram utilizados as entrevistas gravadas e a observação em lócus.

Entendemos que as entrevistas são narrativas construídas pela memória, de um sujeito, de um determinado tempo, contando um acontecimento de acordo com a cultura e a identidade de cada pessoa (Montenegro 2008), dessa forma não podemos enxergá-la como “dados” da pesquisa, mas sim como elementos com os quais construiremos o mosaico que é nosso estudo. Para Serres (2001):

o Dado é duro, às vezes é ordenado entre os grandes que maltratam, derrubam, espetam o corpo; vive mergulhado em um ambiente material,(...) ao passo que a linguagem se apresenta sempre doce. Claro que ela vem da ciência, mas sabe tacitamente a doçura do sentido, não esfolia a retina, nem as costas, nem a pele (p.110).

Na busca dessa doçura da linguagem e da narrativa, justificamos primeiro a escolha da História Oral como um dos direcionamentos metodológicos, pois é intenção querer mais que mensurar ou descrever e generalizar as informações levantadas em campo. Mas há um desejo de explorar, mergulhar nos casos, sentidos e emoções. Lidar com situações inesperados e ao mesmo tempo tão enriquecedores para a pesquisa, reconhecendo as mulheres como sujeitos da história que produzem sabedoria.

Assim a História Oral se fortalece como fruto de debates que não apareceram ao acaso, mas por meio de discussões que foram feitas ao longo dos anos, passando por diversos processos sociais (revoluções, movimentos), erros e acertos teóricos e desafios acadêmicos (MANFRINATE,2011).

Ruscheinski (2005.p.136) aponta que muitos pesquisadores na área de Educação Ambiental, alicerçam seus trabalhos na metodologia da História Oral, pois reconhecem que assim os sujeitos da pesquisa percorrem suas memórias em busca dos principais

fatos de suas vidas, individual e social, atribuindo significados aos fenômenos sociais e ambientais.

Para Montenegro (2003), o historiador, ao se apropriar dos elementos vindos da memória, constrói a sua narrativa, a sua versão, o seu mosaico baseado no que foi vivido e falado. É também opinião de Santhiago (2008) que as narrativas vêm à tona através do historiador. Seu exercício de entrevistar não é apenas técnico, mas também um trabalho de interpretar. É ele que, dialogicamente, apresenta o tema com uma pergunta e inicia o afloramento da memória. A entrevista não é a história oral, e sim seu primeiro passo. O historiador tem a função de distinguir o que de individual tem relevância para o social na pesquisa, é ele, em última instância, que recriará a narrativa transformando-a em um texto escrito. Fazer História Oral não é apenas dizer com outras palavras as falas dos entrevistados, mas estabelecer um diálogo possível com a ciência.

Esse diálogo da pesquisa deve ser científico, mas não com o peso da cientificidade moderna, e sim com a beleza e o respeito ao outro que narra, conforme vislumbra a Educação Ambiental.

(...) reivindicamos um texto à Educação Ambiental, circunscrito e referenciado ao contexto de seus sujeitos. (...) A vida, os trabalhos, a pesquisa, a fala, enquanto textos, têm que ser um compromisso enfático com o “outro”, com o cuidado de não cair na tentação de reduzi-lo a nós mesmos, fazendo-lo, à nossa imagem e semelhança. Admirá-lo enquanto outro: ele não é uma mesmice: uma extensão de nós mesmos. Respeitá-lo em sua singularidade, em sua temporalidade própria. Referir no texto escrito sua singularidade, é referi-lo em sua diferença e em alteridade sem fagocitá-lo a uma pretensa entidade monádica. Compreendê-lo como ser-no-mundo na densidade do vivido, na necessidade e no desejo. (PASSOS & SATO, 2005. p.216).

As narrativas à Educação ambiental nos levarão a caminhos e várias interpretações, assim elegemos como fio condutor dessa interpretação a fenomenologia, dentro da construção do pensamento epistemológico dos elementos Bachelardianos, Água, Terra, Fogo e Ar, trabalhados conforme a Cartografia do Imaginário que foram o aporte para as entrevistas com as mulheres (SATO, 2011).

Esses quatro elementos foram ainda conjugados com as categorias especificadas na “Estrutura Conceitual da Avaliação Ecológica do Milênio e das interações entre a **biodiversidade, serviços dos ecossistemas, bem-estar humano e vetores de mudanças**” que ocorrem a partir de uma escala ainda específica, ou seja pela consideração das mulheres da comunidade.

Assim consideraremos que os elementos bachelardianos

Água (Formação/Ecossistemas): A gênese, a constituição original. Aqui o entendemos como os serviços oferecidos pelo ecossistema como: o de suporte (fotossíntese, formação do solo); de controle ou de regulação (controle do clima); c) **abastecimento ou de produção** (água potável, pesca); d) **cultural** (espiritual, recreativo). . Quem é essa mulher que narra? Qual é o território que ocupa?, família, costumes. Identificação sobre o sujeito da pesquisa, quais são as formas de relação tradicional com o meio ambiente e o território que habitam. “É o início investigativo, a semente que nasce e voa nas brisas para chegar ao solo fértil” (op cit.p.550).

Os serviços ecossistemas ou o elemento “água” como consideramos nesse momento, sofre a influência de fatores diretos e indiretos levando-os a mudanças. Esses fatores se ligam aos elementos:

Terra (Deformação/ Fatores Diretos):. Os obstáculos, a dor. O momento da desestabilização do mundo pessoal e coletivo, a mudança física no ecossistemas . Como o uso do solo (desmatamento), o consumo excessivo de produtos como a pesca e/ou qualquer outro produto que use matéria prima natural , as mudanças climáticas, entre outras pressões que obrigam trazem problemas para o modo tradicional da vida dessas mulheres e as levam a criar novas alternativas de trabalho e as associações “Entre as características ecossistêmicas e a ecologia da flor o rio segue manso nas curvas para anunciar a cachoeira” (op.cit.554)

Fogo (Transformação/ fatores indiretos): Os fatores indiretos são aqueles macromodelos que as civilizações/sociedades definem como forma de se desenvolver e que acolhem no seu bojo os fatores diretos, como política, demografia, Economia, Religião, cultura, Ciência e Tecnologia. o processo pela busca, a união das forças, para a busca da autonomia, as dificuldades impostas pela burocracia e pela mundo social e cultural. “Como na transitoriedade da água que nasce e morre. O fogo também acende e apaga. Entre os fenômenos talvez o fogo tenha a maior competência em aceitar as dualidades entre o bem e o Mal” (op.cit.p.555)

Tanto o ecossistema, como os fatores diretos e indiretos atuam no bem estar local e na possível diminuição da pobreza, fazendo alusão assim ao elemento ar que na interpretação da cartografia do imaginário se representa por:

Ar (Reformação/ Bem estar local e a diminuição da pobreza): O momento da memória, da consideração da sua história. Processo educativo em sua essência. Os resultados já alcançados dentro das dimensões econômicas, política e social. Quais

foram as dificuldades que encontraram como as suas relações com o território em que habitam atualmente? Quais as aprendizagens? O que poderia ainda ajudar para que o processo de emancipação e participação pudesse se tornar mais acessível? Existem mais potenciais de trabalho que as mulheres possam explorar? Elas podem sair do Pantanal e continuar com a mesma atividade? “De todos os elementos, o ar é o único que toca todos os demais. Em forma de brisa, tufão ou furacão” (op.cit.559).

Por certeza, as mulheres de Joselândia, terão a marca dos ideais dessa pesquisa, recriadas a maneira de Bachelard. Onde são recriadas as suas histórias, não apenas como delas, mas como de quem as escutas e as compreende, mostrando o posicionamento político de quem pesquisa, dentro de espaço de luta e militância, “pois o que me importa a história já que o passado é presente, já que um passado que não é meu acaba de enraizar em minha alma e me proporcionar sonhos sem fim (p.12).

A pesquisa se abre num mundo grande de sonhos e lutas, que a cada passa busca saber mais, que posso traduzir em:

A alma romântica em mim não vai relaxar? Quando as imagens se apagam, ouve-se tão facilmente um mundo de murmúrios! Esta noite possui também vozes carnavais. Como deixar de ouvir nos jardins vizinhos todos esses ruídos de asas, o amor dos pássaros da noite? O ouvido pode negar esse universo homogêneo do amor murmurado que reúne quase na mesma voz o irado e agitado lamento dos gatos e suavíssimo e redondo amor dos gato? (p.197)

Resultados obtidos

Assim no espaço original da água no entender da cartografia do imaginário, trazemos a formação da ecologia da identidade do sujeito.

Entender esse simbolismo cultural presente na identidade é como tentar ler um manuscrito estranho desbotado, cheio de elipses incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escritos não com os sinais convencionais do som, com diversidade são públicas e sempre acontece no coletivo, pois assim se consideramos as várias identidades da comunidade a qual pertence à escola em suas trocas e integrações de contextos. Para Brandão (1986) a nossa experiência de vida é responsável por formar quem de fato nós somos, nossa identidade, para Hall(2006) Certau (2008) as identidades são plurais, não são rígidas nem, muito menos imutáveis, identidades são, pois identificações em curso, sempre construídas no interior de uma disputa de poder.

Na comunidade de São Pedro de Joselândia O casamento geralmente é o ponto de partida para entrada da vida adulta das mulheres, entretanto ao sair da casa paterna e

tomar para si responsabilidades com a casa, filhos, passam a achar todos seus trabalhos como corriqueiros e não percebem a sua total importância, mas a entendem como uma apenas uma ajuda (ALBARNOZ, 2008.p.15). Isso porque a atividade das mulheres fora de casa foram e ainda são assuntos de grande polêmica na nossa sociedade, principalmente para as mulheres casadas e com filhos pequenos.

Na comunidade as mulheres são mais tímidas que os homens. Eles andam imponentes á cavalo e zagaindo nas canoas. Elas vem a pé pelos caminhos, desviando dos sulcos feitos no chão pelos tratores, com suas sombrinhas coloridas, amigas inseparáveis e refúgio contra o sol. Quando perguntadas se elas participam da vida política da comunidade, sempre se referem à participação dos maridos.

Porém a influência delas na comunidade e vista em todos os espaços, como podemos descrever a seguir. A comunidade não tem padre na paróquia, ele vem apenas duas vezes por ano na Igreja da comunidade, uma das vezes é durante a festa de São Pedro importante evento da comunidade, a outra para realizar batizados e casamentos já agendados. O resto do ano o cuidado da igreja fica a cargo da “rezadeira”, que além de cuidar da manutenção da igreja oferece conselhos e tira rezas em todas as ocasiões que são necessárias em nascimentos, dias santos, velórios e por quem precisar.

A rezadeira tem todas as culturas: do índio, do negro e do branco, e através da fé e das suas orações que podemos observar o êxito de seus trabalhos, elas aprenderam com seus ancestrais, podemos dizer assim que uma cultura, e deve ser ensinada para as pessoas da família para que seus descendentes continuem auxiliando aqueles que buscam a cura para seus males do espírito e do corpo através de suas orações (SOARES, 2006.p.97).

Além das rezas as mulheres também estão presentes na cultura da comunidade, são elas que preparam a festa de São Pedro, apesar de seus maridos levarem o título de festeiro e participam do grupo de siriri. Elas também são maioria, como professoras da escola e agentes de saúde.

E assim o poder delas é exercido em relação com a comunidade, pois não está estanque, mas vai se construindo com as atitudes das mulheres. Isso vem ao encontro do pensamento de Foucault (2009) que, em seus estudos sobre o poder, mostra que a relação de poder acontece de forma não imobilizada; o poder em seu entendimento não pertence a alguém ou a uma situação, mas na verdade permeia o exercício da ação dos diferentes sujeitos.

Elas também reclamaram um pouco sobre a dificuldade de locomoção na época da cheia entre Joselândia e a capital Cuiabá o que torna qualquer emergência um problema sério. Mas isso acaba resultando numa maior solidariedade entre as pessoas da comunidade, pois sempre se precisa de um favor, num lugar sem muitas saídas a ajuda do próximo é sempre bem vinda. A água mantém a comunidade afastada das cidades, mas unida entre si, “ a água é sonhada sucessivamente em seu papel emoliente e em seu papel aglomerante. Ela desune e une” (BACHELARD,1998.p.109).

No que diz respeito ao ambiente pantaneiro todas as entrevistadas adoram morar no Pantanal e entendem que ali daquele jeito é que devem ficar. Dizem que o Pantanal é sua casa. Para Bachelard (1996) a casa é o espaço realmente habitado, “casa é o nosso canto no mundo. Ela é, como se diz amiúde, o nosso primeiro universo. É o verdadeiro cosmos” (idem p.24). Assim essas mulheres se sentem parte daquele mundo e integrantes de sua natureza e de suas nuances de seca e cheia.

A identidade dessas mulheres pantaneiras tem a noção do pertencimento ao ambiente local. Essa noção de pertencimento (MOURÃO,2005) é a relação entre os seres humanos e a natureza que passa pelos diversos sentidos, construindo uma identidade do humano com o biológico, com posições humanísticas, referindo-se a ética e à sustentabilidade.

Ao se utilizarem dos elementos da natureza há uma aproximação do humano com seu meio, uma religação com natureza, não no sentido apenas do utilitarismo mas do re-conhecimento de pertencer e de enxergar a natureza, no mesmo sentido coadunamos com o pensamento de SERRES (1994.p.192) quando ele em relação a sua primeira visão global da Terra oportunizada pelas imagens fotografada pelos satélites afirma que: “Vi-o com meus olhos e o meu entendimento, ainda há pouco; finalmente, pelo meu ventre e os meus pés, pelo meu sexo, sou a Terra”.

Ao se reconhecerem como parte da natureza, as mulheres transcendem a dualidade criada na ciência moderna de separação entre o humano e o meio ambiente, e esse reconhecimento oportuniza o respeito essencial à busca da sustentabilidade (GREEN, 2010).

Se reconhecer como natureza pode significar também o auto-reconhecimento como parte importante do mundo, é o olhar das mulheres para si mesmas, num apelo individual de extrapolar a cegueira sobre sua própria condição, e ver seu próprio reflexo valorizado, num exercício de Narciso. Para Bachelard (2002), Narciso nem sempre

significa ações neurotizantes, pois ele nós dá a consciência da nossa beleza, e nos inspira a nos conhecermos dentro do nosso próprio reflexo:

Narciso vai, pois à fonte secreta, no fundo dos bosques. Só ali ele se sente que é naturalmente duplo; estende os braços, mergulha as mãos na direção de sua própria imagem(...). Diante das águas, Narciso tem a revelação de sua identidade e de sua dualidade, a revelação de seus duplos poderes viris e femininos, a revelação, sobretudo, de sua realidade e de sua idealidade (p.25).

Ao verem suas faces, o reflexo mostra não só a realidade de suas vidas, mas o ideal de como poderiam ser. Com sua conscientização de mundo e para o mundo (FREIRE,2009), compreendendo de forma diferente a sua história e seu papel, dão forma as suas lutas cotidianas por espaço de audiência as suas falas.

No chão do elemento terra onde se insere os desafios e os problemas enfrentados pela comunidade, muitos são os fatores que influenciam diretamente o trabalho dessas mulheres.

Dentro da comunidade as mulheres são as mais excluídas em relação ao trabalho. Isso porque os espaços de trabalho no pantanal são espaços tradicionalmente de homens, determinados pela história local e pelo trabalho com o manejo do gado. Forçando assim as mulheres a procurarem outros espaços que privilegiem sua atuação tanto na economia formal como no exercício de seus direitos.

Um desses espaços é o trabalho coletivo, tanto do feitiço de doces caseiros, nos encontros para fiar o algodão e fazer redes e coxinilhos, como no trabalho nas festas tradicionais religiosas da comunidade tanto na parte da ornamentação como na cozinha.

Essas atividades coletivas são atividades aprendidas e passadas de geração a geração, mas que não estão paradas no tempo, segundo Brandão,1983.

O mundo camponês cria e recria estilos, formas e sistemas próprios de saber, de viver e de fazer. De reproduzir frações da vida, da sua ordem social, e da representação da vida camponesa. (...) De geração em geração constroem e preservam sistemas complexos de crenças e cultos da religião e da filosofia popular: suas cosmologias de referência e o repertório do imaginário mítico e sociológico (op.cit.15).

Assim esse trabalho que gera alguma renda, ainda oportuniza a união e coloca a mulher Assim trabalho coletivo das mulheres representa um espaço educativo onde se valoriza a cultura local e o território, criando condições de participação política para essas mulheres na busca da autonomia.

A emancipação e autonomia são características que não se oferecem ao sujeito, mas ele as conquista, pois, “ninguém é sujeito da autonomia de ninguém (...) a autonomia enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser” (FREIRE, 2009.p.107). E tem seu significado como processo educativo tanto como atitudes práticas, como a compreensão crítica dos seres humanos como existentes no mundo e como o mundo (FREIRE, 2005,p.77). O trabalho coletivo só vem a proporcionar esse processo educativo, pois vários são os espaços de aprendizagem, conforme nos evidencia Brandão (1985, p. 7): “Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender e ensinar.

Porém existem vários obstáculos para os trabalhos das mulheres em São Pedro de Joselândia, a exploração da natureza se configura como um desses problemas.

Tradicionalmente a criação de gado do pantanal era feita de forma solta, o gado ficava em terras consideradas coletivas, a chamada terras altas, deixando assim com que os pequenos sítios fossem utilizados apenas pela roça e pomar da família, e onde as mulheres tiravam suas matérias primas para suas atividades, como o algodão e as frutas.

Atualmente as grandes fazendas cercaram as terras que antes eram coletivas, e uma grande Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN) foi criada no Pantanal de Mato Grosso, impedindo a entrada do gado.

Os sítios passaram então a ser o espaço da criação de gado, a roça e pomar se tornaram pastos, transformando os sítios em peões em suas próprias terras, diminuído também a matéria- prima de trabalho das mulheres, como as frutas. Isso nos remete ao pensamento de Acselrad que nos aponta que isso é resultado da:

expansão própria a essa acumulação extensiva, termina resultando na destruição de formas sociais não-capitalistas de apropriação do meio ambiente e também na desestabilização dos sistemas ecológicos no espaço ocupado. Começa-se a desmatar margens de rios, os corpos d'água são assoreados e secam, constrói-se uma sequência enorme de barragens - tudo em nome da acumulação, apresentando-se como pretexto a necessidade de responder a determinadas demandas do progresso e do bem-estar. em nome de uma concepção industrialista de progresso, desestruturam-se assim as condições materiais de existência de grupos socioculturais territorialmente referenciados e destroem-se os direitos das populações que estão inseridas em formas sociais de produção não-capitalistas.

As mulheres também acusam a degradação das nascentes e dos cursos do rio como um problema para sua produção. Segundo elas desde que a barragem da Usina Hidrelétrica de Manso construída pela FURNAS, (que controla a vazante do rio das

Martes afluente do rio Cuiabá, responsável pela enchente no período das chuvas no pantanal) começou a operar, o período das cheias não tem sido o mesmo, a água não chega a todos os lugares que antes chegava. Deixando assim de irrigar algumas terras, diminuindo a fertilidade do solo e comprometendo segundo elas toda plantação.

E de acordo com a percepção delas as chuvas também tem diminuído, o que se transforma num grande problema para a produção de doces, pois frutas como caju e goiaba, só estão prontos para serem colhidos depois do começo da temporada das chuvas. Qualquer mudança mesmo que sutil do período e quantidade de chuva no pantanal é suficiente para diminuir a produção e qualidade das frutas usadas para os doces, segundo as mulheres não ficam tão bons como antes.

Essa percepção de entender como a fruta e o doce pode ser influenciado pela devastação da natureza, é um conhecimento do saber local específico das mulheres do pantanal, que sentem em seu paladar, no olfato e no tato, as mudanças de seu território. Esse saber infelizmente não é considerado quando são elaboradas as políticas públicas e políticas para o meio ambiente. Para Boaventura Santos nosso mundo moderno está apoiado na invisibilização de grupos, que se tornam ausentes numa imposição do saber formal, criando o que ele chama de monocultura do saber:

Não há, pois em ignorância em geral nem saber em geral. Cada forma de conhecimento reconhece-se num certo tipo de saber a que contrapõe um certo tipo de ignorância, a qual, por sua vez, é reconhecida como tal quando em confronto com esse tipo de saber. Todo saber é saber sobre uma certa ignorância e, vice-versa, toda a ignorância é ignorância de um certo saber. (Santos,2000, p.78)

A temporalidade também é um obstáculo para essas mulheres pois, a produção de doces e artesanatos não pode ser o tempo do trabalho capitalista. Existe sazonalidade para a produção de matéria-prima que não é respeitada e nem entendida na hora de comercialização dos produtos. Segundo as mulheres de São Pedro de Joselândia para que elas comercializem com grandes mercados é necessário que se tenha todo mês uma quantidade certa de produtos, o que elas dizem ser impossível porque cada fruta tem sua época certa. Impõe-se assim o que Boaventura Santos aponta como a monocultura do tempo, com a temporalidade linear, e evolutiva, que aprisiona as práticas sociais colocando-as como atrasadas. O tempo das frutas no Pantanal é o tempo das águas mansas, dizem as mulheres, nem o tempo cheia fortes e nem o da seca, algo que está além da capacidade de ser medido em número, mas em sentidos, como nos apresenta Passos:

O tempo é, na verdade, a condição de possibilidade de poder ter acesso e enxergar o mundo. Ele se constitui numa mediação *sine qua non*. É como se eu precisasse - utilizando uma analogia contemporânea da informática - *configurar* o mundo de forma que eu então o pudesse enxergar. Disso se conclui que, evidentemente, o mundo visto *através de* mim, - e, só visto porque antes o configurei, o constitui de maneira a enxerga-lo - não coincide com o mundo tal como ele é *em si*, fora e independente de mim.

O tempo assim está intrínseco de sentimentos e sentidos no pantanal, caso não se entenda esses sentidos não se pode entender o pantanal.

As mulheres por repetidas vezes mencionaram um medo da água, medo que para a pesquisa não se esperava encontrar já que a água faz parte do universo delas durante metade do ano. Entretanto, se num primeiro momento esse medo foi incompreensível no transcorrer da pesquisa e ancorados em Bachelard, compreendemos de outra forma o medo da água. Bachelard (1998) atenta pensamento sugerindo que a água é “...um bem sentimental”, provocando assim uma profunda contemplação, nessa contemplação o sujeito que contempla também é revelado.

Quando as mulheres de São Pedro de Joselândia confidenciam que tem medo, esse medo pode não apenas representar o obvio medo do risco a segurança física, o medo do afogamento ou de que uma enchente um pouco mais forte leve a casa e coloque a família em risco. Mas o medo profundo, gerado pela contemplação e admiração da água que nunca podem controlar, a água que corre é como seus destinos:

A água é realmente o elemento transitório. É a metamorfose ontológica essencial entre o fogo e a terra. O ser votado à água é um ser em vertigem. Morre a cada minuto, alguma coisa de sua substância desmorona constantemente. A morte cotidiana não é a morte exuberante do fogo que perfura o céu com suas flechas; a morte cotidiana é a morte da água. A água corre sempre, a água cai sempre, acaba sempre em sua morte horizontal.(...)o sofrimento da água é infinito (BACHELARD, 1998.p.07).

Para Bachelard a água também pode ser um elemento de vida. Assim como pensa Eliade(1999):

As águas simbolizam a soma universal das virtualidades: são o reservatório de todas as possibilidades de existência precedem toda a criação. (...) É por isso que o simbolismo das Águas implica tanto na morte como o renascimento. O contato com a água comporta sempre uma regeneração: por um lado, porque a dissolução é seguida de um “novo nascimento”; por outro lado, porque a imersão fertiliza e multiplica o potencial da vida (ELIADE, 1998.p.110).

Esse medo pode ser o medo do eterno morrer a cada dia nas suas certezas existenciais, frente ao dinamismo da sociedade que se impões e decompões mundos e

verdades. E mesmo assim ter que renascer construindo um novo mundo, como que fertilizando o solo assim como as águas, mas sem as certezas de que mundo será esse. Essa morte simbólica elas enxergam diariamente no movimento das águas, assim como os rios a vida também corre, destrói e cria.

Considerações Pantaneiras:

O mundo Pantaneiro a primeira vista é um mundo do *animus*, um mundo pontuado por barro pisado, dureza e por animais fortes como o gado e o cavalo, espaço masculino por tradição. Entretanto como nos alerta Bachelard, basta “sermos sensíveis para ver a solidez do feminino” no Pantanal (p.13). Olhar assim o mundo dessas mulheres, o que elas mostram e o que não querem mostrar, revelando por meio de suas memórias, imaginações, sonhos, sofrimentos e trabalho.

Acreditamos que ao delinear estes pontos, estaremos conhecendo parte das necessidades das mulheres, e das comunidades na tentativa de trilhar a construção de seus Direitos já que “os caminhos, para a participação democrática é trabalhoso e deve ser uma conquista cotidiana, para que estes povos possam ser construtores de sua própria vida e de sua própria história” (SILVA, 2011.p.164).

A conscientização de si e do grupo é também o processo pedagógico pela busca dos Direitos, que representem suas realidades e seu modo de vida, que incluindo a suas práticas sociais sem hierarquias.

O espaço do território quando agrega a natureza e a história de um povo, pode também servir de alternativa de trabalho que está muito mais próxima da sustentabilidade ambiental, do que modelos técnicos que venham de fora, assim são importantes para as políticas públicas ouvir e conhecer as comunidades antes de lançarem mão de projetos que visam oferecer cursos para alternativas de renda.

Entretanto o modelo econômico ainda explora as formas de alternativas de trabalho das comunidades quando mantém exigências de critérios de comércios impossíveis para as comunidades rurais alcançarem, tornando necessária a figura do “atravessador” que lucra em apenas revender os produtos das comunidades, tirando a liberdade de comércio dessas pessoas.

Somente o trabalho e o aumento da renda familiar não são suficientes para garantir a autonomia das mulheres dessas comunidades, ele é um elemento importantíssimo, mas não é único. Além desse aspecto está a própria visão do ser

enquanto sujeito, do fortalecimento da atuação como cidadã, do conhecimento de seus direitos e principalmente do entendimento do ser enquanto coletivo que congrega não só a vida do trabalho, mas a cultura, o social e o ambiental.

Assim saindo do universo feminino e entendendo um pouco mais sobre o trabalho, é interessante para essa pesquisa que estudemos o trabalho não no sentido somente de ganho e lucro, ou no sentido marxista que tem a visão do explorador e explorada, mas num sentido além. O sentido da criação, do ser que se interage com o mundo em que vive, que cria a partir de sua observação, que vê a beleza além o *labor* manual tradicional (Cardozo, 2000). “O verdadeiro destino de um grande artista é um destino do trabalho. Em sua vida chega a hora em que o trabalho domina e conduz sua destinação. O trabalho ardente e criador atravessa a vida do artista”.(p.31)

Dessa forma quando pensamos em serviços ecossistêmicos na comunidade de São Pedro de Joselândia é impossível não pensar no apoio a produção coletiva e individual das mulheres, pois ainda conservam formas tradicionais de produção que aliam meio ambiente e cultura. Apoiar essas formas de produção é sem dúvida contribuir para a sustentabilidade não só da comunidade e sua história, mas a sustentabilidade do pantanal.

E por fim, em nossa visão, a pesquisa em Educação Ambiental privilegiando outros olhares metodológicos pode ser o espaço onde a diversidade de sentidos das relações de gênero e o meio ambiente podem se fazer presente na discussão de políticas públicas. Mas não de uma forma apenas técnica, mas simbólica e cultural, com o alcance do imaginário de sentidos e identidades.

Referencias:

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da material.** São Paulo: Martins Fontes, 1998. 202 p.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço.** São Paulo: Martins Fontes, 1996. 242 p

CARDOSO, Ciro Flamarion. *História e Paradigmas Rivais.* In: CARDOSO, Ciro Flamarion. VAINFAS, Ronaldo (orgs.) **Domínios da História.**RJ. Campus, 1997.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade.** 5 ed. Sao Paulo: Perspectiva, 1998. 179 p.

JABER, Michelle; SATO, Michèle. **Territórios em tensão: mapeamento dos conflitos socioambientais de Mato Grosso.***Ambiente e Sociedade*, v.15, n1, p. 1-22, 2012.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres.** Trad. Ângela M.S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2007.

QUADROS, Imara P. **Palavras científicas sonhantes em um território úmido feito à mão: a arte popular da canoa pantaneira.** Cuiabá: 2013, 372f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, UFMT.

SATO, Michèle. **Cartografia do imaginário no mundo da pesquisa.** ABÍLIO, Francisco (Org.) Educação ambiental para o semiárido. João Pessoa: Ed UFPB, 2011, p. 539-569.

SILVA, Regina Aparecida da. **Do invisível ao visível: o mapeamento dos grupos sociais do estado de Mato Grosso - Brasil.** 2011. Tese (Ecologia e Recursos Naturais) - Universidade Federal de São Carlos

SOIHET, Rachel. **História das mulheres** In: CARDOSO, Ciro Flamarion. VAINFAS, Ronaldo (orgs.) **Domínios da História.**RJ. Campus, 1997.